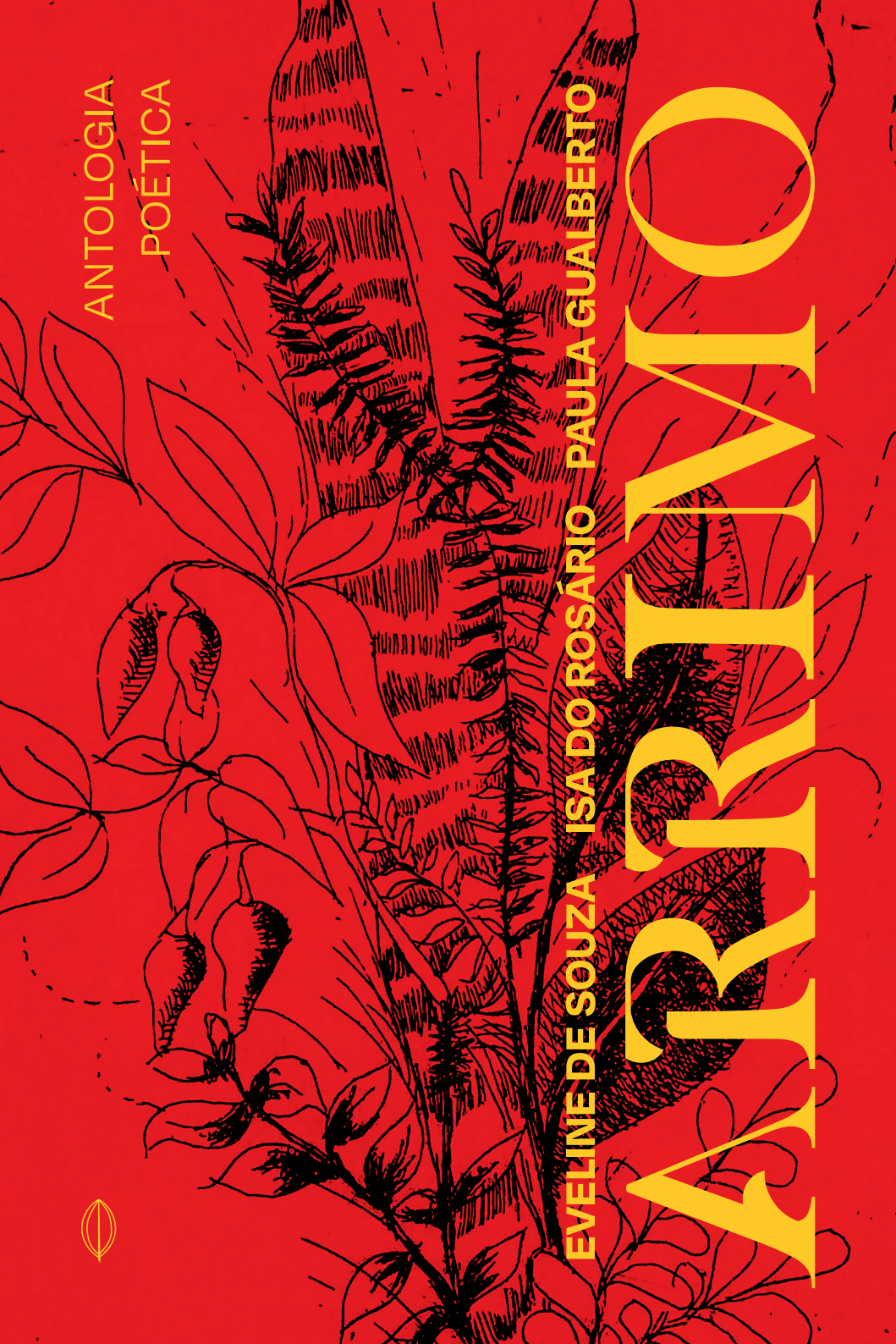




ANTOLOGIA
POÉTICA

EVELINE DE SOUZA ISA DO ROSÁRIO PAULA GUALBERTO

ARRILLO



Depois de intensos diálogos sobre a importância da escrita poética de mulheres pretas, a obra *Arrimo: antologia poética* se alicerça na seguinte tríade de adinkras: SANKOFA, ANANSE NTONTAN e PEMPAMSIE. Os símbolos dessa tríade somados aos provérbios africanos representam a afetividade, a memória e a união potente de três mulheres pretas que se utilizam da palavra para registrar e visibilizar suas identidades e suas ancestralidades.

A palavra "arrimo" escolhida para dar título a obra apresenta uma metáfora relevante na construção deste projeto e no cotidiano das escritoras que compõem esta obra. Muitas vezes, as mulheres pretas são consideradas o "arrimo da família", utilizando de suas forças internas e externas para enfrentar as adversidades e equilibrar a pressão do cotidiano. Essas mulheres são vistas como uma fortaleza, como um amparo forte que não se desmorona. Contudo, trazemos o seguinte questionamento: quem ampara essas mulheres pretas que a todos dão apoio? É nesse sentido que surge a escrita, a poesia. O encontro com o papel, com a caneta, com seus medos e suas reflexões se torna para essas mulheres o momento de amparo, de sustentação e de acolhimento. Dessa forma, ousamos dizer que a escrita e a poesia são seus momentos de autocuidado, de terapia e de autocura.





ARRIMO

ANTOLOGIA POÉTICA

EVELINE DE SOUZA
ISA DO ROSÁRIO
PAULA GUALBERTO





artefato

Rua Alberto Veiga Guignard, 1330
Recreio Campo Belo, 14409-441
Franca/SP, Brasil

+55 16 993 611 679
conjuntoartefato@gmail.com

artefatoedicoes.com.br

EDIÇÃO E REVISÃO // Lígia Sene
DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO // Victor Prado
ILUSTRAÇÃO DA CAPA // Michelle Campos
FOTOS DAS AUTORAS // Camila Tomé e Eveline de Souza
PRODUÇÃO EXECUTIVA // Ellen Mendes e Camila Tomé
CURADORIA DOS TEXTOS // Ellen Mendes

© Eveline de Souza, 2023
© Isabel Cristina Raphael Vieira, 2023
© Paula Gualberto, 2023

Primeira edição, setembro de 2023
Franca – São Paulo, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
por Aline Grazielle Benitez – Bibliotecário – CRB-1/3129

Arrimo: antologia poética // Eveline de Souza,
Isabel Cristina Raphael Vieira e Paula Gualberto. //
Franca, SP: Artefato Edições, 2023. 76 p.

ISBN • 978-65-86208-21-4

1. Poesia brasileira I. Rosário, Isa do.
II. Gualberto, Paula. III. Título.

23-171456

CDD B869.1

9 Arrimo: antologia poética
Ellen Mendes

12 Prefácio
Terezinha Morais

EVELINE DE SOUZA

21 Mulher preta
23 Solidão
24 Medo
25 As sombras
27 Lidando com o inconsciente
28 Arrimo
29 Eu me encontro assim
30 Mulher
32 Crença
33 Perdão
34 Espelho
36 Transborde...

ISA DO ROSÁRIO

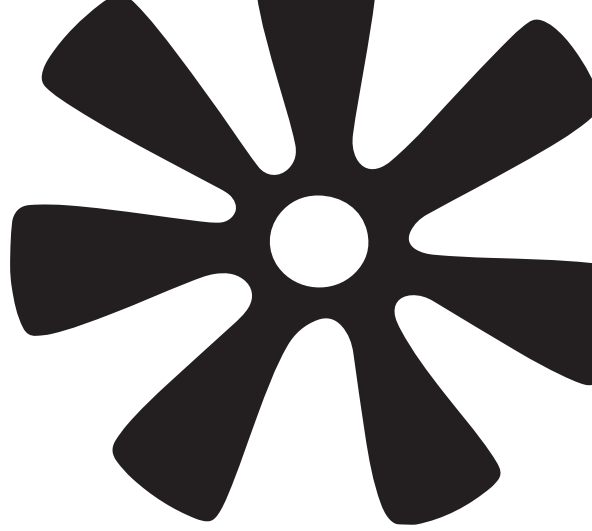
41 Gaiola
42 Mulheres negras sim
43 O céu
44 *Alma negra*
46 *Há um certo sentido*

- 47 Onde estão as minhas crianças negras?
48 Orgulho negro
49 Evocação
50 Conhecendo um livro
51 A felicidade
52 Todas as vozes
53 O mesmo

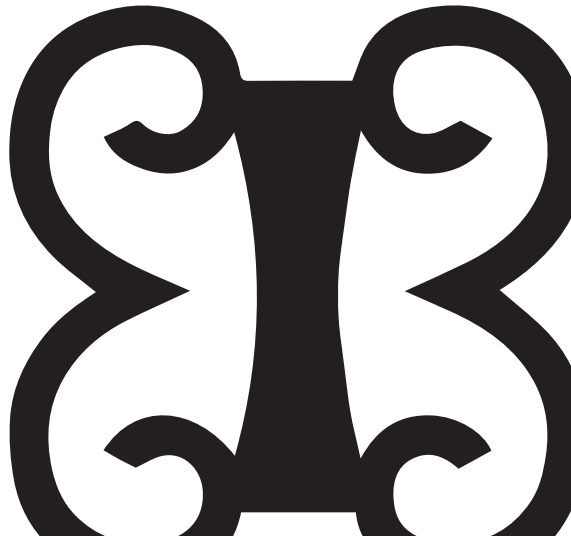
PAULA GUALBERTO

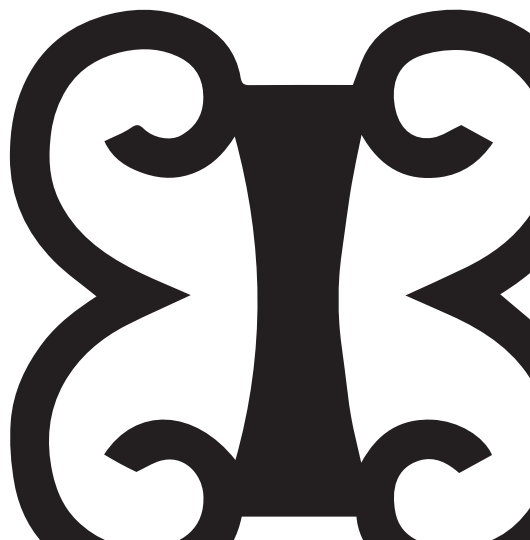
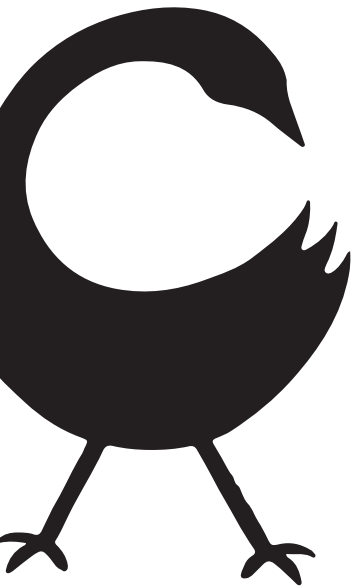
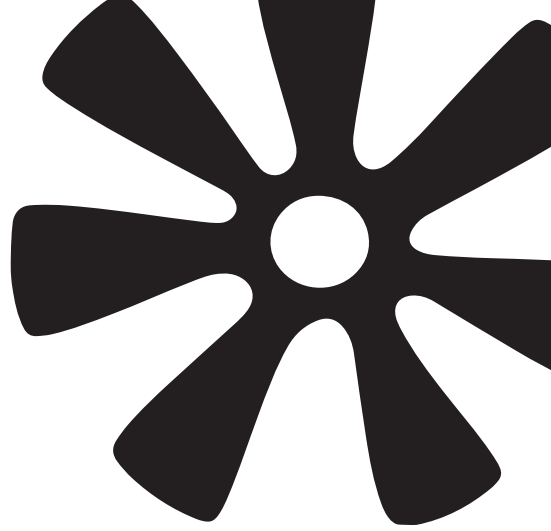
- 57 Arrimo
58 Reivindicação de posse
59 Tempo dos dinossauros
60 Menina feliz
61 Desperdiçando blocos e poeira
62 Pauladas ativas
63 Averbacões
64 *O que vou dizer*
65 Poesia anti poética
66 *Você não sabe*
67 *Samuel beckett*
69 10 De abril de 2006
70 Olhos
- 71 Sobre as autoras





*A todos que vieram antes de nós e a todas
as mulheres negras que são arrimo de si e
de uma comunidade inteira.*





ARRIMO: ANTOLOGIA POÉTICA

*Se não sabe aonde vai, deve saber
pelo menos de onde vem.*

— SANKOFA (símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro)

*A sabedoria é como o tronco de um embondeiro.
Uma pessoa sozinha não consegue abraçá-lo.*

— ANANSE NTONTAN (símbolo da sabedoria, esperteza, criatividade e complexidade da vida)

*Quando as teias de aranha se juntam,
elas podem amarrar um leão.*

— PEMPAMSIE (símbolo da prontidão, persistência, bravura e coragem)¹

Depois de intensos diálogos sobre a importância da escrita poética de mulheres pretas, a obra **Arrimo: antologia poética** se alicerça na seguinte tríade de adinkras: SANKOFA, ANANSE NTONTAN e PEMPAMSIE. Os símbolos dessa tríade somados aos provérbios africanos representam a afetividade, a memória e a união potente de três mulheres pretas

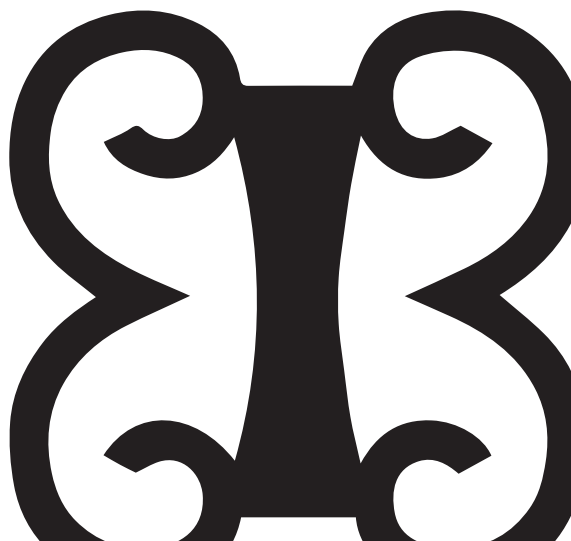
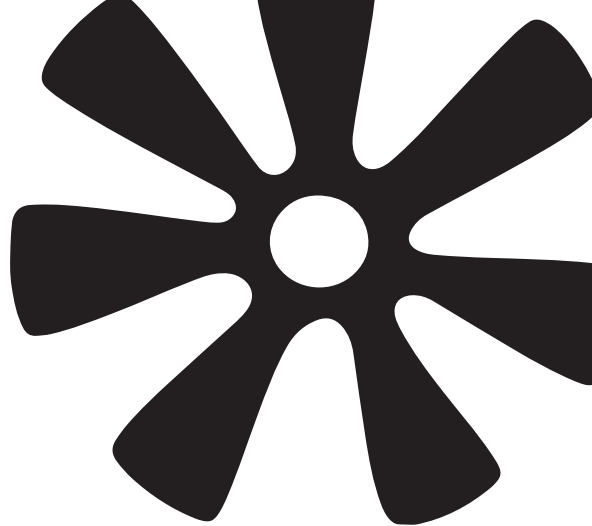
1 Provérbios africanos e simbologias disponíveis em: *A Cor da Cultura — Saberes e Fazeres — Modos de Sentir*. Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro, 2006.

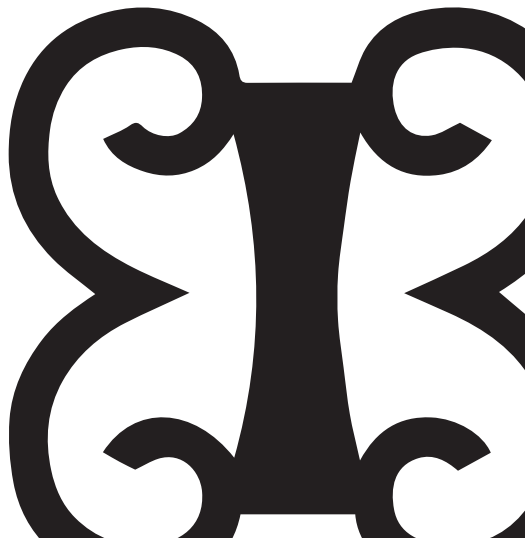
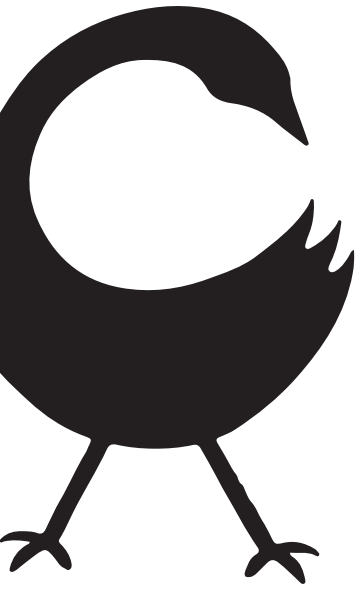
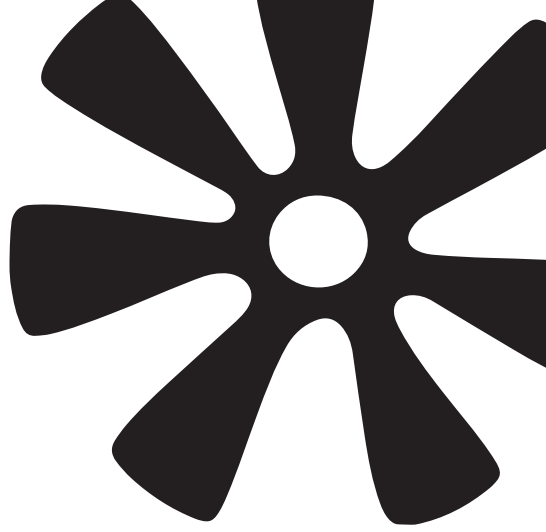
que se utilizam da palavra para registrar e visibilizar suas identidades e suas ancestralidades.

A palavra **Arrimo** escolhida para dar título a obra apresenta uma metáfora relevante na construção deste projeto e no cotidiano das escritoras que compõem esta obra. Muitas vezes, as mulheres pretas são consideradas o “**arrimo da família**”, utilizando de suas forças internas e externas para enfrentar as adversidades e equilibrar a pressão do cotidiano. Essas mulheres são vistas como uma fortaleza, como um amparo forte que não se desmorona. Contudo, trazemos o seguinte questionamento: **Quem ampara essas mulheres pretas que a todos dão apoio?** É nesse sentido que surge a escrita, a poesia. O encontro com o papel, com a caneta, com seus medos e suas reflexões se torna para essas mulheres o momento de amparo, de sustentação e de acolhimento. Dessa forma, ousamos dizer que a escrita e a poesia são seus momentos de autocuidado, de terapia e de autocura.

As mulheres que compõem a escrita desta antologia são: **Eveline de Souza, Isa do Rosário e Paula Gualberto**. Para além das possibilidades de acesso à publicação de uma literatura genuinamente afro-brasileira e de desafiar representações dominantes, o encontro literário da poesia dessas três mulheres é um resgate e um grito de resistência. Assim, o papel social desta literatura é o de afirmar e de celebrar o que a hegemonia e o racismo tentaram apagar.

ELLEN MENDES





PREFÁCIO

Iniciarei o prefácio desta Antologia Poética com a honra de também ser **Arrimo**. A leitura e a proximidade com as autoras fazem correspondência com a palavra “sustentação” em seu sentido literal que representa: nutrição e alimento. Apoio em forma de poesia escrita por mulheres pretas, que assim como eu, construíram suas histórias com luta, coragem e afeto. Textos de mulheres grandiosas que tanto sabem e tanto têm a dizer. Amparando-se, reverenciando os mais velhos e tecendo os fios que as protegem e as aparam.

Arrimo, além de um sonho, é uma jornada de reencontro com a ancestralidade. A coragem de colocar poemas no papel, transformá-los em livro e deixá-los voar pelo mundo.

Conceição Evaristo em sua obra Ponciá Vicêncio (2003, p.09) diz que “O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que a publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.”. Por isso, a publicação de **Arrimo** é um ato político de grande importância. Uma obra escrita por mulheres pretas, digna de celebração e leitura.

Nós mulheres pretas estamos sempre cheias de medo e coragem e, nessa Antologia de estreia, Eveline de Souza, Isa do Rosário e Paula Gualberto, tão distintas e tão parecidas, mostram que é preciso romper com paradigmas, soltar muitas amarras e sustentar os sonhos, os seus e os de tantas outras

mulheres. “Ser arrimo de si” e, ainda assim conseguir apoiar os seus com seus artesanatos, bordados, histórias, culinária, plantio e por quê não com suas “Pauladas”. Histórias de vida traduzidas em palavras, duras e doces, fortes e gentis, incômodas e acolhedoras.

Eveline — a artesã, carioca, professora, advogada, atleta, mãe do João Vittor, mulher múltipla, assim como sua poesia — abre a antologia e faz da palavra sua arte. Com uma escrita precisa, assim como sua fala, vai criando sua obra. Faz do poema seu caminho, sua pista de corrida e seu pedalar de apreciação. Traz em seus versos sua própria pele de *MULHER PRETA*, retinta. Escancara a *SOLIDÃO* de nascer só e todos os percalços de estar sozinha.

Fala do *MEDO*, aquele de não dominar a si mesma. Retoma o “medo do desconhecido” em *AS SOMBRAS* e busca por libertação, afinal, quem sabe “Um dia o medo dessas sombras” não acaba? E que ela siga *LIDANDO COM O INCONSCIENTE* e aprendendo cada dia mais com a sabedoria de seus ancestrais. Seu poema *ARRIMO*, é como ela, uma apoiadora bradando “Avante, mulheres sobreviventes!”, “Avante!”

Não é possível passar pela escrita de Eveline sem se deparar com palavras de encorajamento, sem reconhecer-se naquela que se olha, que vê a si e aos seus e que ergue as suas. Ama e cuida, entende a mulher madura e o ciclo infinito que é ser *MULHER*. Constrói em seus poemas um caminho para a auto-percepção e aceitação. Cheia de *CRENÇA* e fé em si. Chama todos singular e plural, ao *PERDÃO*. Olha-se com carinho no *ESPELHO*, reconhece sua ancestralidade e a importância de quem veio antes. Por fim, convoca os leitores ao *TRANSBORDE*.

Isa do Rosário, para mim, Dona Isabel! Mãe, madrinha, Senhora das histórias e alimentos saborosos, artista internacional e aspirante a bailarina de dança do ventre. Borda seus versos, assim como borda as histórias que conta. Nos coloca em uma *GAIOLA* e nos convida a ser pássaro, a ser pessoa, a

ser livre. Fala de *MULHERES PRETAS SIM*, assim como ela, Tia Ciata, outras tantas de sua família, sua avó e sua mãe, “rainhas”. Ressalta *O CÉU* como local de acolhimento e amor. Escreve em caixa alta como forma de protesto e questiona “*QUEM DISSE??*”, “*QUEM INVENTOU??*”, “*QUEM DETERMINOU??*”

Brincando, viajando, testando os sentidos de direção e de corpo, vai costurando com linhas doces, o arco-íris, os pássaros e o mar. As perguntas que atormentam e não cessam: “Onde estão as crianças negras?”, as dela, as suas, as nossas crianças? Isa do Rosário brada seu *ORGULHO NEGRO*, pois, “Poesia orgulho negro é ser negro é ser feliz”. Como uma boa contadora de histórias, ela faz a *EVOCAÇÃO* das lembranças de sua infância. E *CONHECENDO UM LIVRO* fala da possibilidade de novas histórias e viagens. Brinda-nos com *A FELICIDADE*. Ressalta a importância e o poder da voz, garantindo que “essa é a voz da mulher negra poderosa”. O poema final é *O MESMO* e, para prosear, Dona Isabel evoca Carolina e também sua tia, lembranças de arrimo, certeza de um mesmo ar que respiramos.

Paula Gualberto, a Paula que não para! Artista múltipla, de plantios e hortas, mãe, estudante de Serviço Social. Seus poemas são certos ao atingirem seus alvos. Abre a cena com *ARRIMO*, recordações do lugar de onde veio, sua ancestralidade, o apoio e a união. Grita a *REIVINDICAÇÃO DE POSSE* daqueles que nada têm contra os que tudo possuem. Volta ao *TEMPO DOS DINOSSAUROS* para falar de conexão, toque, dengo “Um romance que quebre a máquina do tempo”.

MENINA FELIZ é sem dúvida uma paulada, sem dó, “Um prato vazio em cima das coxas de uma menina feliz/ Não enche a barriga de ninguém”. Paula ironiza *DESPERDIÇANDO BLOCOS E POEIRA* e chama ao gozo. Afirma que manterá suas *PAULADAS ATIVAS*. De *AVERBAÇÕES* denúncias do abandono.

Descreve detalhes de algum tempo “Quando mesmo insatisfeita permaneci”. Da *POEIRA ANTI POÉTICA*, de tons

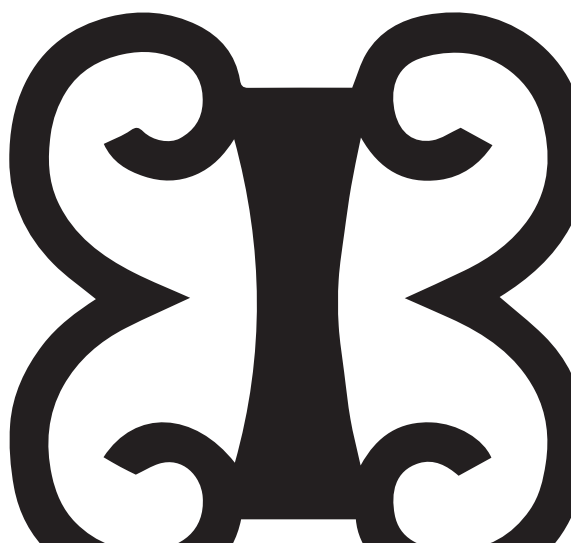
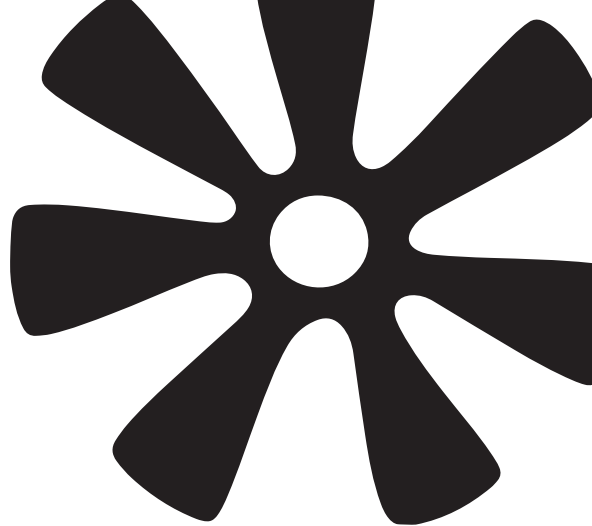
avermelhados que tudo invade, “abre o EP do pai de Tereza”. As pauladas permanecem relembrando **A estrada**, música do grupo Cidade Negra e reafirmam, “Você não sabe/ Como eu caminhei / Para chegar até aqui”, nem seu corpo-cidade-negra. Cita “Samuel Becket” e “Mallone morre” para falar de si “a poetisa e estudante de artes cênicas Paula Cristina Gualberto prostituta possessiva de backett” e sobre a prostituição de “Alavancar a arte pelos holofotes da tecnologia alienante”. Quanto vale a arte, estará à venda?

Em 10 DE ABRIL DE 2006, nasce “Marcela” e o rompimento com as estruturas que aprisionam. E finalizando a Antologia, *OLHOS*, “[...] recriam cenas onde o cárcere não é uma opção/ Onde a fruta carnuda da vida/ pode ser partilhada sem questão social/ impostor ou vilanias.”

Se “a felicidade é melhor quando compartilhada”, **Arrimo** traduz esse provérbio. Um compartilhamento de poemas, vozes-mulheres pretas e emoção. Três poetisas com estilos diferentes, mas com um ponto em comum, chamar ao movimento. Tantos caminhos percorridos para chegar onde está, tanta luta, dificuldades, alegrias, tantos risos, danças, escritas. Tantas dores, parto, amamentação, tantos dentes, gritos, aprendizado, tanto afeto, tanto renascimento, no momento, a tempo, tanto sentimento. Chegou enfim, **Arrimo**, Alento.

Assim, em palavras escritas, traduzindo a oralidade, entre bonecas, carinho, bordados e pauladas, as palavras da tríade de mulheres pretas não deixam de ser **Arrimo**, muro de sustentação e repouso.

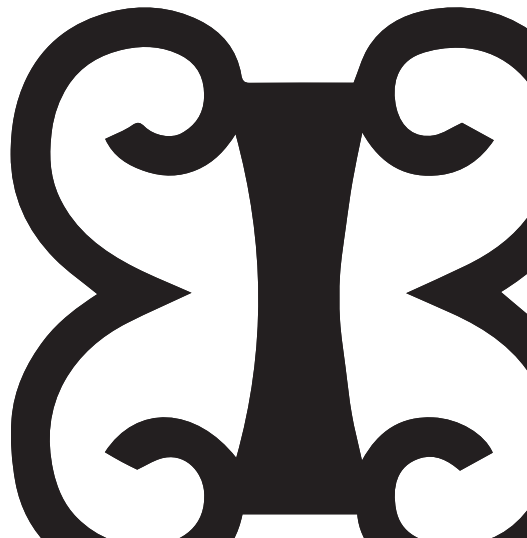
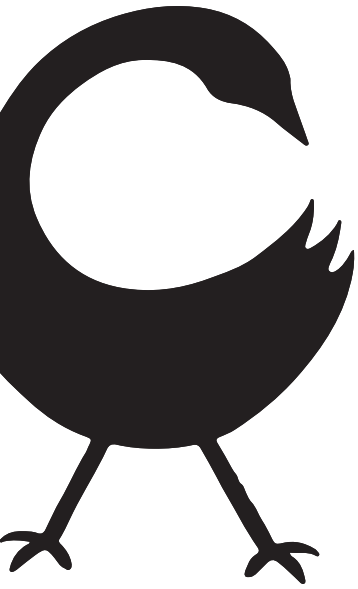
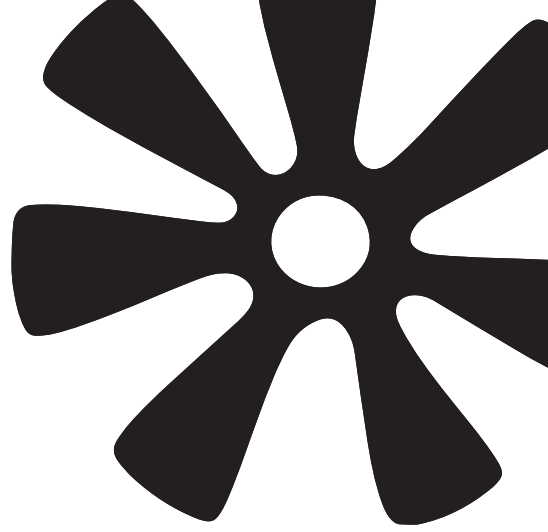
TEREZINHA MORAIS



EVELINE DE SOUZA







MULHER PRETA

Mulher preta retinta
Que por muitos caminhos
Sinto minha
Sua história...

Mulher preta retinta
Que sente na pele
De menina
A dor de ser ela mesma

Mulher preta retinta
Na mais pura idade
Descobre-se faceira
Com as asas cortadas

Mulher preta retinta
Com leveza presente
Desenha os caminhos
Que percorre sem dor

Mulher preta retinta
Já com bem mais de trinta
Descobre suas asas
Sem corte, intactas
Início de voo

Mulher preta retinta
Descobre que a vida
Tem muitas famílias
Basta sentir
Se vivida com amor.

SOLIDÃO

Quando nasci, nasci só
E viver essa experiência
Percebendo a importância
para sobrevivência

O grupo é importante
E nos atribui resistência
Raro nascer em grupo
Como explica a ciência?

Sozinhos caminhamos
Rumo aos objetivos
Mas não podemos ousar
A trajetória sozinhos

Solitude não prejudica
O caminho que tem a seguir
Importante são nossas escolhas
Se ninguém interferir

MEDO

De todos os medos o maior
É de dominar a mim mesmo
Fazemos tudo para o outro
Mas esquecemos da gente
Esse é o meu maior medo
E me preparo para enfrentar
Os traumas e decepções
Que a mente custa apagar

Insisto no meu dia a dia
Conduzir minha própria história
Com protagonismo constante
E cuidando do que reservo na memória

Cuidemos da nossa saúde
Física e mental
Devemos na história da vida
Exercer o papel principal

AS SOMBRAS

Sobre tudo que há nesse mundo
Eu sempre vou refletir
O medo do desconhecido
O que ignoro, deixo seguir...

Não há nada mais triste
Do que o que eu não conheço
Que bom, existem recursos
Muitos deles tenho apreço

Um livro é uma boa conversa
Ajuda a entender o porquê

São tantas as tarefas
Que eu terei que fazer
Como afastar as sombras?
Que insistem em me abordar...
Elas irão sempre crescer
Ao invés de se afastarem

Tudo muda a todo tempo
É difícil compreender
A dimensão dessa vontade
Necessidade do aprender

Todo encanto precisa
O conhecimento alcançar
Um dia o medo dessas sombras
Terá de me abandonar

LIDANDO COM O INCONSCIENTE

O que fica gravado
É a história vivida
Resumo de um passado
Martelando o prego de cada dia

Muitas vezes intensa
A vontade não fica perdida
Lute por seus sonhos
Afastese da descrença
Que faz obnubilar

Para tudo desejo uma ação
Capaz de o caminho encontrar
Vencendo a dor e o pranto
Dor que foi lançada ao mar

A cadência constante
Num ritmo que supõe encontrar
Vai vida, avançar!

Esclarecendo com a própria história
Entendendo que às vezes não dá
O desejo supera o medo
No culto aos ancestrais

ARRIMO

Contexto sangrento o passado
Marcou fundo nossas vidas
E hoje reflito contente
Sobre o presente, o agora...

Felizes descobertas fizemos
Sem esquecer a história
Avante! Mulheres sobreviventes
Nosso acordo é com nossos talentos

Apoiamos outras mulheres
A crê numa vida brilhante
Vamos seguindo e amando
Alinhadas a outras irmãs

O reflexo de nossas aparências
Há muito deixou de assustar
Necessidades impostas à existência
Aprendemos ressignificar
Avante!

EU ME ENCONTRO ASSIM

Irreverente e adulta
Naturalmente perfeita
Cabelo, corpo e mente
Gingado e ternura no olhar

Se falam dos encantos, escuto
Receios me fazem estranhar
O autocuidado me eleva
Fascínio que faz caminhar

No topo da idade madura
Encantos que faz delirar
Escuto suaves e serenas
As verdades que fazem sonhar

Maturi é mais que infância
A experiência me faz revelar
Sem temer o que a vida me oferece
Doutora na arte de amar

Amor que cuida e aquece
Certezas jogadas no ar
Compartilhando sem vícios e vínculos
Buscando a paz encontrar

MULHER

Sangramos no ato
Na vida tranquila
Da relva da selva
com gritos de horror

Sangramos na desconfiança
Na ausência de ajuda
Na falta de amor
Dançamos fugentas
Por onde concentra
O mapa da vida, o bonito da dor

Seguimos quietas
Atentas a tudo
Refúgio da alma
Recortes de amor

Marcamos histórias
Contidos caminhos
Diversos destinos
Sem culpa e mágoa

Pedimos socorro
Com brados altivos
Parindo da alma

Memórias de luta
Lembranças constantes
Que marcam o caminho

Dessa vida sangrenta
O ventre sustenta
A página aberta
De uma história sem fim

CRENÇA

Não digas que não consigo
Pois isso não é legal
Eu creio em tudo em mim
Na minha atitude real

Reconheça o tempo ligeiro
Que a todos afeta
Não posso esquecer meus princípios
Na busca da minha paz

Quem passou foi num tempo
Que tudo levou para trás
Mas pense o tanto que resta
Das nossas histórias ancestrais

Fique atento, fique ligado
Em tudo que há em você
Mostre ao tempo presente
Quem é realmente você

Pode fazer isso, acredite
Solidão em ti não há
Trilhamos estradas longínquas
Perceber, muito ajudar!

PERDÃO

Eu te perdo
Para que sem culpa possamos nos amar...

Tu me perdoa
E estarei liberta para me dedicar a ti

Ele ou ela me perdoa
E juntos seguiremos em busca da paz

Nós nos perdoamos
Acreditando que seremos felizes

Vós vos perdoais
Compreendendo que o mundo precisa do vosso amor

Eles ou elas se perdoarão
Porque precisamos do auto perdão
para vivermos num mundo melhor.

ESPELHO

O que tens ali
É a alma refletida
Tua visão se expande
Para dentro de si mesmo

Que tua visão te espelhe a vida
E dos que estão contigo
Não tente fugir do que está refletido
Enxergar tua história
De pontos de luz.

Fito tua foto
Fomento de vida
Quando de ti
Lamentei tua partida

Quanta falta me faz
Um desejo sem fim
Eternizo tua história
E garanto minha paz

Borboletas ao vento
Um perfume no ar
Sinto sua presença
Acompanhas meu caminhar

Pétalas de rosas carmim
O destino me fez assim

Muito parecida com você
Marcas deixadas em mim

Fez sempre o seu melhor
Hoje sou grata e agradeço
A toda minha ancestralidade
Minha história ofereço

Com muito amor e carinho
Honro seus passos, meu destino
Ensino a quem precisar
De luz no seu caminho

Emocionante falar de vocês
Pedacos de minha existência
No rosto demonstro os traços
Que garantem minha resistência.

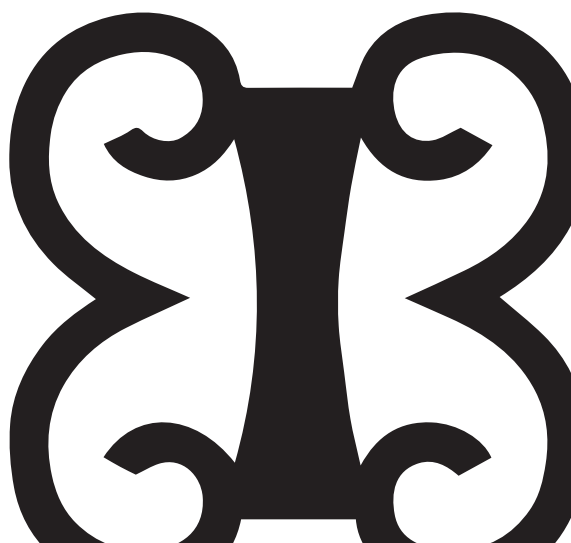
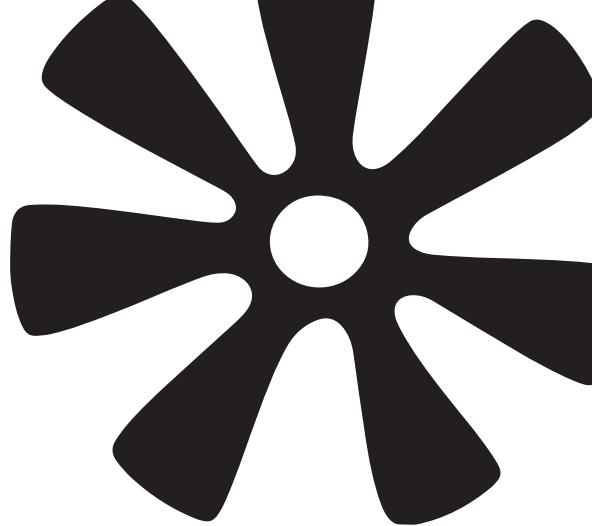
TRANSBORDE...

Não guarde as mágoas contigo
Que insistem em te acompanhar
Elas traduzem um sentimento
Que a ti não cabe avaliar

São impuros sempre marcam tua alma
Importante identificar
Quando a mente e o corpo acalmam
Repudiam sem interiorizar

No entanto o que fazem as ações
Humanas quase insanas
Competindo ao longo da vida
Com frequência e ingratidões

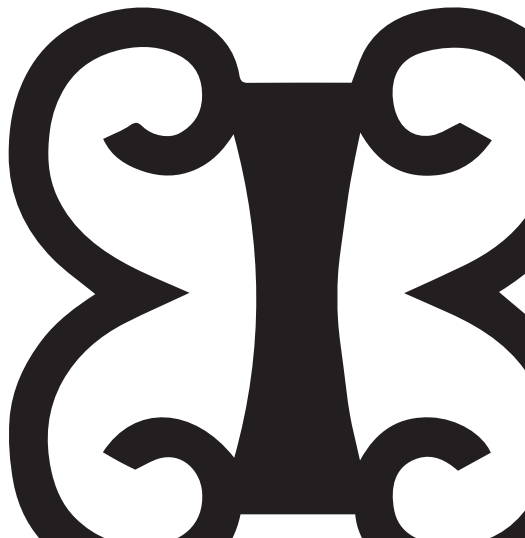
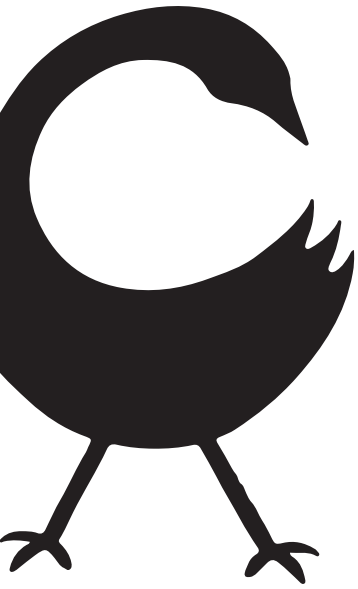
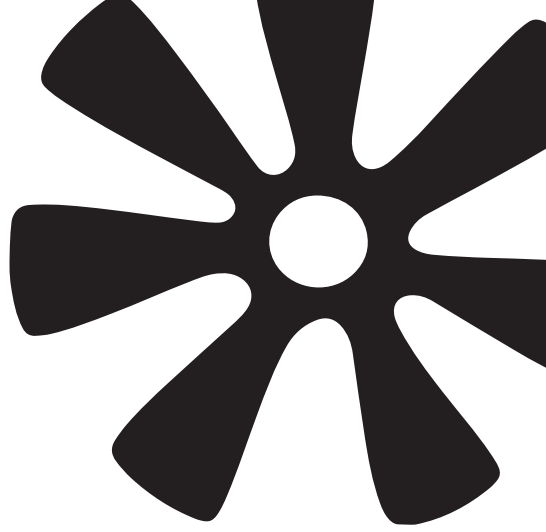
Por tudo precisa ser grato
Se tens hoje, terás amanhã
O passado deixado de lado
Tecituras de uma existência sã.



ISA DO ROSARIO







GAIOLA

Meu coração está doendo, de não poder ajudar.
A gaiola está fechada e o pássaro preso sem poder voar,
sem poder passear, sem poder caminhar.
Entra ano e sai ano, lá ele está.
Às vezes chora, às vezes canta para o ano passar.
Se um dia ele sair da prisão, onde ele estará?
Vai querer voltar?
Já acostumou na gaiola que um dia o colocaram
sem querer, sem culpa.
É a sociedade que empurra todos para lá
sem estudar, sem aprender, sem trabalhar.
Esta é a gaiola que todos não deveriam estar lá

MULHERES NEGRAS SIM

Enobrece e engrandece todas nós.
Tia Ciata na sua casa fez um grande Terreirão
de sabedoria e gratidão.
De bondade porque acolheu a todos como irmão.
Madrinha Sebastiana acolheu.
Vó Dorotéia também acolhia a todos que fugiam,
em nome do Amor que ela falava e escrevia na pedra.
Na pedra do conhecimento de seus ancestrais.
Tia Iria acostumada com o fogão.
Tia Gina a sanfoneira da família tocava o dia inteiro
e trazia alegria.
Vó Laudelina e minha MÃE
eram e são as rainhas.

O CÉU

O céu é um lugar encantado
O céu é um lugar iluminado
O céu é um lugar amado
O céu é dividido e abençoado, amado esperado
Amado pelos anjos que cuidam dos anjos
O céu abençoado que todos querem ir para lá
Os negros açoitados amarrados e matados
já são santos por lá
Deus escolhe a todos
Deus não critica, só julga o bem que a pessoa faz.

ALMA NEGRA,
ALMA NEGRA,
QUEM PINTOU??
QUEM FALOU??
QUEM DETERMINOU??
QUE A ALMA É NEGRA...
QUEM DESENHOU?
O HOMEM, QUE ESCOLHEU
A COR DE SUA PELE
RETRATANDO
SUA ALMA,
SUA DOR,
SUA MISÉRIA.
ALMA É A COR DA PELE DO HOMEM.
HOMENS E MULHERES,
BRANCOS, ALMA BRANCA.
HOMENS NEGROS, MULHERES NEGRAS
TÊM ALMA NEGRA.
ASSIM DETERMINA O CRIADOR.
RECONHECENDO SEU VALOR
NAS ATITUDES, A ALMA NEGRA É A RUIM??
QUEM DISSE??
QUEM INVENTOU??
QUEM DETERMINOU??
O INVENTOR, O PINTOR
HOMEM...ALMA NEGRA RECONHECE SEU VALOR.
ESTENDE AS MÃOS AOS DOENTES

FAZ COMIDA AOS INOCENTES, AMA SEM
SABER A COR.
ALMA NEGRA, SIM SENHOR!
COM AMOR E RESPEITO.

Há um certo sentido
Sentindo sentido de se viver
É sentindo que o arco-íris olha pra mim.
Sentindo sentido é eu voar com os pássaros,
eu sem asas, sem medo de cair.
Sentindo sentido eu saindo do mar,
voltando da Atlântida que eu deixei lá.
Sentindo sentido é eu degustar, pensando que é açúcar e sal,
pensando que é sal, mas é açúcar que faz sonhar.
Recordar uma infância feliz tudo era doce .
Tudo era nuvens no céu de Oxalá.

ONDE ESTÃO AS MINHAS CRIANÇAS NEGRAS?

Onde estão?

Onde onde estão as minhas crianças negras?

Onde...onde estão?

Na escola não as vejo não.

Na rua não as encontro não.

Onde estão as crianças negras?

No farol vendendo sabão?

Esse sabão que a mãe faz para lavar roupa do patrão?

Onde estão as crianças negras?

Na escola não vejo não.

Desaparecendo a margem da natureza,
morrendo.

Onde estão as minhas crianças negras?

ORGULHO NEGRO

Orgulho negro é ser negro, é ser feliz
é ser contente.

Orgulho negro é ser de Deus, dos Orixás que Deus nos deu
Orgulho negro é saber caminhar na diversidade da
vida e se encontrar

Orgulho negro é saber subir a escada, subir a
vida sem machucar

Orgulho negro é saber que lá no céu vamos encontrar o
negro sentado à direita do pai,
esperando todos chegar.

EVOCAÇÃO

Eu vocação,
Nós Evocação,
Eles vocação.
E lembrar das histórias infantis contadas por minha mãe
é fazer comida, panelinha de arroz, bife e batata frita.
Evocação traz na lembrança o abraço da paz,
sem pensar em maldade, sem explorar o irmão.
Buscando a paz interna que brota do coração.
Emoção é sentido dentro da gente que explode o coração
de amar o próximo
igual a um irmão.

CONHECENDO UM LIVRO

No vai e vem das páginas do livro,
encontro minha histórimemória,
Em cada livro aberto,
encontro a minha história somada, dividida e
multiplicada em dor,
em lágrimas e alegrias.
Por saber ler e entender,
o livro é meu cotidiano.
Me faz sentir melhor.
Com os livros me perdoo,
me liberto de maldades.
Posso voar,
viajar e fazer a volta pra onde eu quiser!

A FELICIDADE

A felicidade é espetacular

A felicidade é sensacional

A felicidade é natural

A felicidade é tão natural que ela nasce dentro da gente

Ela Brota da alma e Abraça a gente

A felicidade é igual uma árvore que plantamos hoje

e não sabemos se vamos desfrutar de sua sombra

mas sabemos que plantamos a felicidade

e assim plantamos o hoje!

TODAS AS VOZES

Todas as vozes escutadas
Todas as vozes valorizadas
Valorizada no sentido de amor
de respeito, de responsabilidade
Valorizada e acolhida
Essa é a voz da mulher negra poderosa
Poderosa porque dá sentido
A Vida Vivida amada respeitada
A voz gritada que sai da alma cansada, lotada, arrasada
mas com vontade de viver, de sonhar, de amar e de morrer.

O MESMO

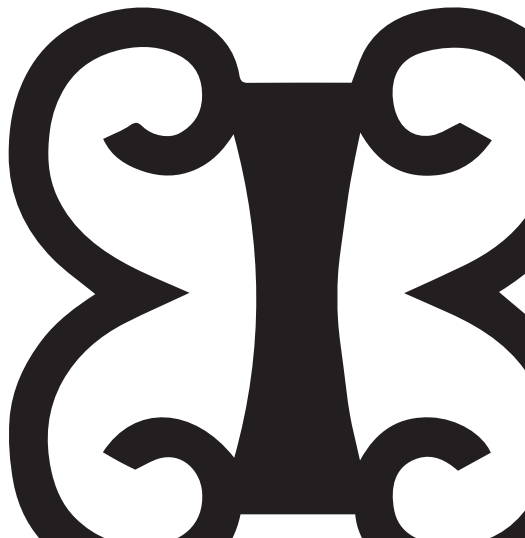
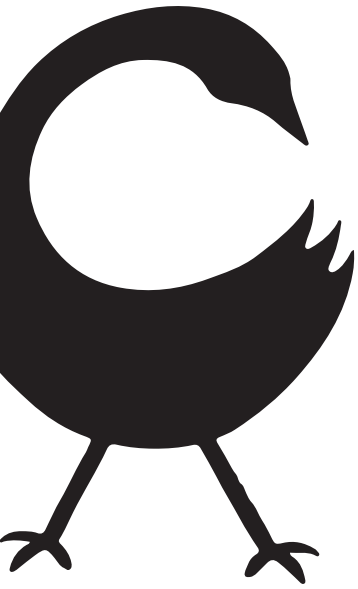
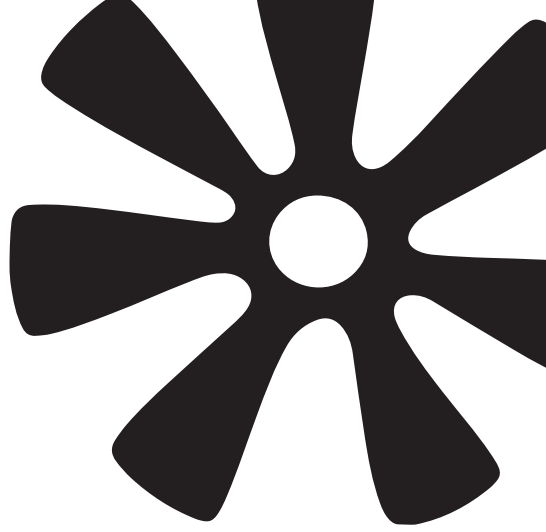
É o mesmo ar que eu respiro
Minha tia respirou
E já era contemporânea de Carolina
E também meu avô
Minha tia cozinheira, Carolina também era
Com o que aprendeu na África trouxe para o Brasil
De outra hora Carolina e Sebastiana não tiveram
Supermercado não faziam
O que aprendeu pois era cozinheira foi no forno e fogão
Sebastiana e Carolina dançavam nas festas de barraca
Carolina foi para o rio minha tia também
Minha tia voltou, Carolina não
Uma ficou em São Paulo e a outra não
Isso é um relato, uma história
De duas contemporâneas que viveram na mesma época
na mesma data e no mesmo chão.

PAULA GUILLERMO





NEED WAX BLOCK PRINTS SA...



ARRIMO

De onde viemos?!
Sexta região
Do enlace de nossas teias
A força da ancestralidade
Mulheres que se guiam no caminho
De ervas e retalhos
Na convicção de novos olhares
Abrindo os braços para se envolver
as raízes e os broncos
De um saber de África
Iluminando os jardins que temos na alma.

REIVINDICAÇÃO DE POSSE

Um mar de telhados e poucos lares
Um vendaval de portas no íntimo de uma reforma agrária
Um quarteirão de uns indivíduos sem teto
Um monte de gente sem cobertura
Um monte de cobertura sem gente
Descobertos os homens caminham em meio a chuva
As sombras estão encobertas em números monstros que
habitam o imaginário
Muitos monstros que assombram o homem

Palpável o real
Inúmeras aberrações perpetuam o privilégio
E herdamos o direito de possuir:
terras pessoas e bens...
Como enxurrada arrastando tudo
Lavando cidades inteiras em um mar de sangue

TEMPO DOS DINOSSAUROS

Os sons ecoavam pelas planícies e morros
E montanhas quebradas e vielas e tudo era mato!
No tempo predisposto dos grandes paquidermes
Corre em meio as chuvas de meteoros
Examinamos pegadas e analisamos tumbas
Mas não conseguimos tocar o outro
Sinapses neurais
Escala evolutiva
Eu desejo um denogo,
Um romance que quebre a máquina do tempo
E me incendeie a alma como chuva de constelações
Poeira espacial no lençol.
Engulo a via Láctea com a boca aberta e faminta
Engula os pingos de chuva na Aurora boreal
Minha língua incendeia as eras e milênios
E a pré-história é só um ponto de luz!

MENINA FELIZ

*Poesia inspirada no título da
obra de Isa do Rosário*

Uma menina feliz dança no Teatro Municipal
Grávida, uma menina feliz apanha por ser vadia
Uma menina feliz róí as unhas de medo
Uma menina feliz desce as escadas tonta
completamente abandonada
Uma menina feliz não sabe o que é feminicídio

O prato cheio de lágrimas
Não enche a barriga de ninguém
Por isso quem tem buceta
Entrega perseguida por comida

Um prato de medo cheio de ódio
Não enche a barriga de ninguém
Um prato vazio em cima das coxas de uma menina feliz
Não enche a barriga de ninguém
Por isso vale hoje o programa por um lanche
Um prato vazio vai à alma
E a moeda esfaqueia todas as possibilidades
Da menina ser feliz!

DESPERDIÇANDO BLOCOS E POEIRA

Para que andaimes?
se você não sustenta
o peso da minha desconstrução

Para que arquitetos e pedreiros?
Se eu construo meu gozo
somente com a ponta dos dedos

Para que cimento e cal?
Se a força do meu desejo
aterra um oceano inteiro

Abre as portas celestiais do gerar
E para que níveis?
Se sei que o ápice da criação são os meus lábios.

PAULADAS ATIVAS

Pau e pedra
Para erguer qualquer barraco
Perto das encostas as lágrimas são barrentas cheias de
arenito e argila
Perto do meu lar as meninas
são enquentes.

AVERBAÇÕES

Éramos um só
Nas ruas da cidade
Na estação da Sé
Uma criança com um bebê no colo
e um saco de leite
A rua é cinza e escura, não tem céu

Celeste e nuvens de algodão
A escuridão é uma espada
3 crianças sem nenhuma doçura
Tomando um banho no meio da fonte da praça.

Os chafarizes de água
não clareiam as densas lágrimas da madrugada
Cheias de mãos
a noite abusa do álcool

Se irradia na memória
Eterna
Éramos um só e tudo cortava
Principalmente nossa existência!

O que vou dizer
Vamos ter que ressuscitar um cara!
Vamos retomar a primeira vez onde mesmo insatisfeita
permaneci sem o gozo ardendo
Onde mesmo insatisfeita permaneci sem o acelerador

Jamais terei o peito na boca
Jamais irei tremer
Com o frio na barriga
Eu perdi alguma coisa quando enterrei minha alma

Perdi um fio
Quando mesmo insatisfeita permaneci
Perdi um toque
mesmo ardendo e sem o gozo!

Te dou um toque
se aprume
Porque o amor eu consumo e aqueço no agora!

POEIRA ANTI POÉTICA

*Esta poesia abre o EP
do pai da Tereza, vulgo Sossego*

A terra vermelha se esvai de meu útero
Em barrela as ruas que me doem como contrações
Despejei todos os filhos nas vielas
que pulsam no compasso do trânsito

As veias jorram
o sangue que trafega os semáforos, as avenidas, as rodovias
Ruas de Terra rotatórias e acidentes
E a terra vermelha se revolta em nuvem densa de poeira
cobre as casas e os prédios
Coberta de poeira a cidade toda é um campo de terra
que pinga em meus olhos
Eu sou água densa que flui na ZL
Sou com certeza os meninos que correm na contramão,
os mendigos nas calçadas
As beatas não me veem,
mas como a poeira e a fuligem
vou invadir os seus poros!

Você não sabe
Como eu caminhei
Para chegar até aqui
Veias vértebras
Orta safena
Corpo esmorecido tecidos que formam um caminho
Estrada cheia de demônios arrastando o caos
Violência e surra grito
Surto ódio medo
Servir ao Satan
Que habita em mim
O diabo que me traduz
O que pedir emprestado ao inferno
Uma mão de ferro
Rastelo para acariciar
Voltar para a dor
Ver a demência bailando .
visitar a criança interior que sambando miudinho
enforcando esta pequena fada!

Samuel Beckett
Mallonne morre
Pertence a poetisa e estudante de artes cênicas
Paula Cristina Gualberto prostituta possessiva de beckett

Na realidade, na arte
vende-se um corpo.
Mas nesta sociedade
só o dinheiro patrocina a prostituição do ser

Pessoas vendem-se num comércio maciço e intenso de
valores retrógrados,
inúteis por seus meios obscuros de legar ao mundo
a morte instantânea do Belo e do simples
a morte do prazer rarefeito
De ser humanos
E afetar-se com os sentimentos, ideias, voz e palavras

Quem tem voz ?

Alavancar a arte pelos holofotes da tecnologia alienante
Passos de elevadores, escadas rodantes
Alcançaremos a subida de um declínio certo
se nos esquecermos que somos eternos malones!

Na certeza do incerto
Eternos malones
Pequenos e
mediócrs por certo

10 DE ABRIL DE 2006

Eu estava preste a dar à luz a Marcela
minha porta aberta para luta antimanicóal.

Estou tão cansada,
meu peito cheio de dores.
Sou um mar contido
nas pálpebras dos meus olhos

Um sufoco na garganta
Algo raso
Queria ser uma gota no oceano
Para desaguar minhas lágrimas
Sem o incômodo de existir

No final da minha primeira gestação
eu passei pelo inferno da tortura
que é a morte da esperança
e com dores intensas
entre gritos e sangue
eu parei a coragem de romper como insano
Com o insano plano que estruturaram para mim.

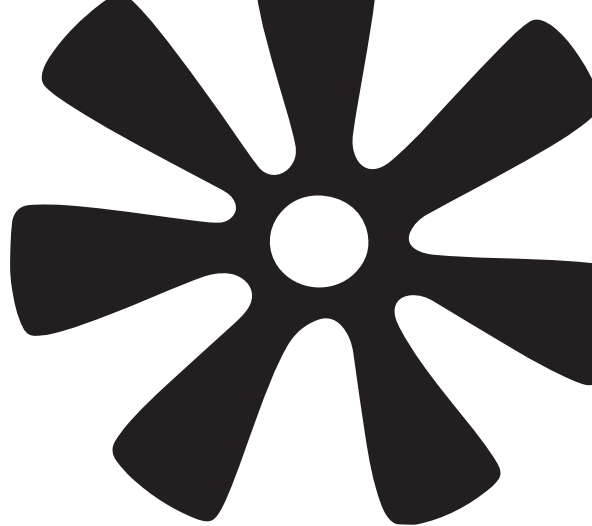
OLHOS

Os olhos no prato de Santa Luzia
são os olhos de negros
aflitos por verem mais água

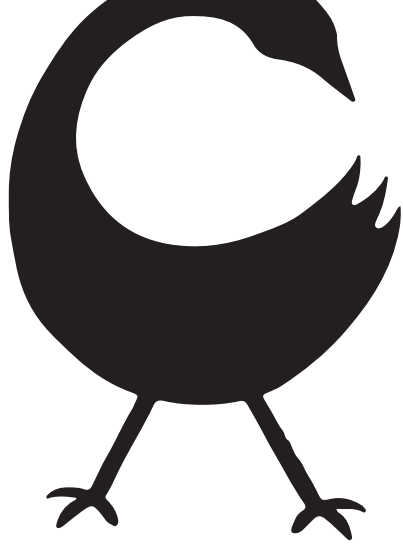
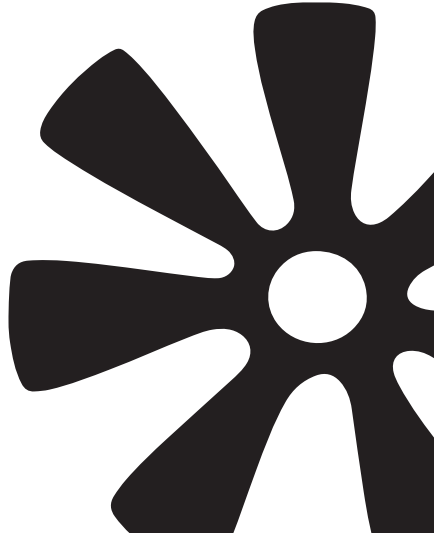
Os olhos recebem a luz e transmitem sinapse elétricas
para todo o globo terrestre
e neste fio condutor conservo minha memória

Partir do que vejo a pau para os meus cadáveres
imagino meu irmão na plenária
com um saco cheio de penduricalhos
um frango assado
e uma TV quebrada comemorando minha homenagem

Meus olhos recriam cenas
onde o cárcere não é uma opção
onde o assassinato não cai de maduro aterrando o fruto
onde a fruta carnuda da vida
pode ser partilhada sem questão social
impostor
ou vilanias



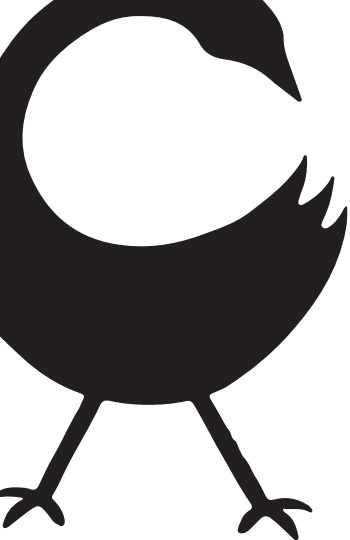
SOBRE AS AUTORAS



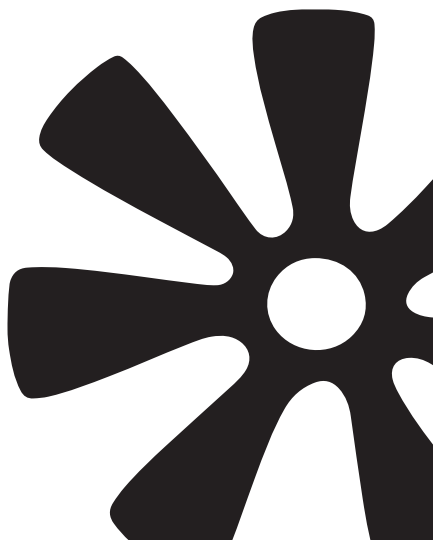


EVELINE DE SOUZA é carioca e residente em Franca-SP. Pedagoga e advogada de formação iniciou seu trabalho com a arte bem cedo, quando na adolescência customizava camisetas e vendia para colegas e professores. A arte e a ancestralidade sempre estiveram atreladas ao seu trabalho e às suas vivências. Atualmente, aposentada de suas funções anteriores, exerce o trabalho de confecção de artesanatos étnicos e de mediação de oficinas voltadas para o resgate histórico e identitário do povo preto. Esse trabalho desenvolvido por Eveline de Souza tem contribuído para fortalecer a autoestima de meninas e mulheres que não tiveram em suas infâncias a possibilidade de ter uma boneca que as representassem fenotipicamente. Na poesia, Eveline de Souza, por meio de seu eu-lírico, traz a importância do reconhecimento da identidade, como no poema intitulado “Mulher preta retinta”, em que a poeta nos mostra a multiplicidade de desafios que perpassam o que é ser e estar em sua pele.





ISABEL CRISTINA RAPHAEL VIEIRA, popularmente conhecida pelo seu nome artístico Isa do Rosário, é uma multiartista batataense que atualmente reside em Franca-SP. Isa do Rosário transita entre os bordados, os poemas e a arte Naïf. Ela também é cozinheira, contadora de histórias, bordadeira, rezadeira e ativista do movimento negro na região. Isa do Rosário se utiliza de seus conhecimentos para informar e recontar a história do povo preto por meio da oralidade, da escrita e da espiritualidade — e por quê não dizer por meio de suas habilidades culinárias, do sabor de seu acarajé e de sua feijoada. Essa multiartista resgata as raízes do povo preto e promove encontros significativos de valorização, preservação e promoção da igualdade racial.





PAULA GUALBERTO, a caçula do trio, é francana, atriz, contadora de histórias, poetisa e assistente social em formação. Atualmente se dedica a dois projetos. O primeiro se refere à escrita do seu Zine intitulado **Pauladas**. Por meio da escrita, Paula resgata sua ancestralidade de maneira crítica, trazendo uma verdadeira literatura de denúncia. **Pauladas** como escreve a poeta se refere aos “golpes da vida batendo forte no corpo e na alma do povo negro, do cidadão periférico, cada pau levantado, cada sangue escorrido pela truculência desse país corre nas veias e nas palavras e nos sentimentos transcritos”. O segundo projeto se relaciona ao desenvolvimento da **Horta de cuidados**, por meio do qual trabalha o cuidado pessoal e fortalece o vínculo com a poesia, mediando leitura e escrita com o cultivo da horta-terapia. Esse projeto tem impactando sobretudo às mulheres pretas de sua região.





Este projeto foi realizado com o apoio da Prefeitura Municipal de Franca e da Fundação Esporte Arte E Cultura — FEAC.



Este livro foi composto em Albra, Degular & Landa pela Artefato Edições em Franca/SP, durante o inverno de 2023.



Eveline de Souza, Isa do Rosário e Paula Gualberto são as escritoras desta coletânea de poemas. Para além das possibilidades de acesso a publicação de uma literatura genuinamente afro-brasileira e de desafiar representações dominantes, o encontro literário da poesia dessas três mulheres é um resgate e um grito de resistência. O papel social dessa literatura é o de afirmar e celebrar o que infelizmente a hegemonia e o racismo tentaram apagar.



 **artefato**
artefatoedlocoes.com.br
55 16 993 611 679

APOIO:



FEAC
Fundação Esporte, Arte e Cultura

